

As fronteiras da Europa e a negação da viagem: do estreito de Gibraltar ao túnel da Mancha

MARIA LUÍSA LEAL
Universidad de Extremadura

1. Introdução

Embora não exista um consenso generalizado acerca da importância do contributo dos estudos pós-coloniais para a literatura de viagens e alguns especialistas preferam manter-se à margem do debate internacional que estes têm suscitado, é inegável que o pensamento de autores como Edward W. Said, Gayatri Chakravorty Spivak ou Homi Bhabha teve um impacto no campo literário pelo menos tão importante como a discussão acerca do cânone. Surgidos, não propriamente da mudança de paradigmas literários, mas da transformação do mundo actual e da alteração da localização do emissor do discurso teórico, tiveram como consequência o repensar da literatura e, concretamente, da literatura comparada. A alteração dos mapas culturais não representa simplesmente a inclusão de novos territórios, mas também a transformação do velho mapa ocidental através de processos de miscigenação, de crioulização e de outras alterações identitárias.

O campo de estudos da literatura de viagens significou sempre a existência de um cânone paralelo ao das grandes obras ou, pelo menos, a consciência de que o objecto de estudo exigia uma grande elasticidade na consideração dos textos, a ponto de serem relegadas para segundo plano categorias como o valor literário da obra, dando-se por exemplo o primado à representação da alteridade. Há quem relacione a crescente fortuna da literatura de viagens com o decréscimo do interesse pela literatura canónica ou, até, com o decréscimo da leitura, que teria levado à perda da consciência daquilo que são os clássicos e, por consequência, da exigência de valor literário como critério de selecção ou abordagem. No entanto, talvez seja mais pertinente relacionar essa fortuna com o desaparecimento de uma imagem da Literatura Ocidental como modelo único ou hegemónico. Ou com a

interferência de esferas não literárias no campo da literatura. Num momento em que a globalização e o surgimento de solidariedades que antes não existiam e que, por isso, estão em processo de construção – o caso de uma «identidade europeia» que compreenda 27 estados –, afectam todo o planeta, é natural que as escolhas literárias não se façam em função dos «grandes autores» das «grandes literaturas» ocidentais, e sim, por exemplo, em função da pertença do leitor ou do estudioso a um determinado grupo social. Isto significa, entre outras coisas, a consciência de que, com a literatura de viagens, a literatura perdeu o seu ensimesmamento – a convicção de que o texto fala de si mesmo, de que a literatura tem por única obrigação representar-se a si própria ou, ainda, de que a referencialidade não opera nos textos literários, posto que estes são regidos por um pacto de ficcionalidade – e voltou a dizer o mundo. Ou, dito de outra maneira: o leitor deixou de encarar o efeito estético como um fim em si para voltar a admitir uma relação que, na literatura de viagens, sempre existiu: a relação do texto com o mundo, que assenta num motivo situado entre as formas de representação e um real representado, isto é, no motivo da viagem.

A escolha do tema e do *corpus* que pretendo estudar foi sugerida pelo mundo, isto é, foi a existência de um fenómeno específico que me levou a procurar saber se ele tinha uma correspondência literária. O facto de estar a estudar o impacto da *História Trágico-Marítima* (compilação de relatos da segunda metade do século XVI e princípio do XVII publicada por Bernardo Gomes de Brito em 1735 e 1736) sobre a identidade portuguesa levou-me a procurar relacionar o naufrágio inscrito no imaginário de um povo com os naufrágios reais que têm lugar no Estreito de Gibraltar. Essa investigação *in progress* é o quadro onde se inscreve o tema que hoje me ocupa, o das viagens proibidas, ou seja, uma alteração tão violenta no motivo da viagem como foi por exemplo a provocada pelas viagens coagidas dos africanos levados como escravos para o Brasil quando este era uma colónia portuguesa.

A alteração das motivações que, no universo empírico, levam a viajar e a das viagens em si tem um correspondente literário, que é a transformação do motivo da viagem. Por exemplo, a banalização do *grand tour* no século XVIII e a obsessão pelo exotismo encontraram um contraponto irónico na viagem a lugares próximos (pensemos em Laurence Sterne e em Xavier de Maistre). Como variante deste tipo de viagem pouco extensa, temos a obra do romântico português Almeida Garrett *Viagens na minha terra* (1846) que, partindo da ironia acerca da moda do exotismo, propõe uma complexa e importante reflexão acerca de Portugal, do seu passado e do seu presente.

O século XX português ficou marcado por dois grandes movimentos colectivos de viagem: a emigração e a descolonização. O primeiro levou à saída progressiva de Portugal por causas económicas, mas também políticas. O segundo trouxe para Portugal, num curto espaço de tempo, ex-colonizadores, ex-colonizados e militares. De país colonial, com a correspondente ideologia amplamente difundida, através de um golpe militar e daquela que ficou conhecida como a Revolução dos Cravos, Portugal passou a país pós-colonial. E, da obsoleta situação que se traduzia na fórmula do Ditador «Orgulhosamente sós», Portugal passou, no mesmo ano que Espanha, a integrar a Comunidade Económica Europeia, actual União Europeia. Espanha sofreu a mesma emigração por motivos económicos, durante os anos sessenta e setenta do século XX. Actualmente, ambos os países passaram a receber imigrantes, muitos deles apenas com a intenção de transitar para outros territórios europeus. A imagem que a Península Ibérica projectava para o exterior tinha, até há relativamente pouco tempo, contornos de exotismo que derivavam das observações dos viajantes setecentistas, fixadas em estereótipos que, em certos casos, ainda subsistem. Actualmente, Espanha funciona como porta da Europa que dá para o Sul e que, tantas vezes, se fecha para aqueles que vêm do Norte de África, de Marrocos ou do Magreb em sentido amplo. A identidade peninsular está em transformação e, tanto a imagem que projecta par o exterior, como a sua auto-imagem, são actualmente objecto de reflexão em diversos fóruns. É nessa linha de reflexão que se insere o presente ensaio.

2. Do mundo

2.1. Resumo noticioso

Começamos por passar em revista as principais notícias do dia 25 de Janeiro de 2006, na televisão espanhola. Primeira notícia: a chanceler alemã fez, em Davos, um apelo à criatividade, que considera indispensável para, no actual contexto de neo-liberalismo, a velha Europa poder fazer face a poderosas economias emergentes como são a da China e a da Índia. Segunda notícia: na Venezuela, um fórum de debate que, sob o lema «o mundo pode ser diferente», se demarca da cimeira de Davos, contrapõe aos efeitos da globalização o comércio justo ou as riquezas indígenas do continente sul-americano. Terceira notícia: FITUR, feira internacional de turismo, traz a Madrid representações do mundo inteiro. Quarta notícia: em Marrocos, uma multidão de mulheres procura conseguir o visto e um contrato como trabalhadoras

sazonais para a apanha dos morangos, procurando dessa maneira conseguir o sustento da família para o resto do ano. Esperam ganhar 32 Euros por dia, dez vezes mais do que poderiam ganhar em Marrocos. Quinta notícia: aproxima-se um temporal, o vento já sopra a uma velocidade de 80 Km/hora na zona do Estreito de Gibraltar, a comunicação por barco teve de ser interrompida. Sexta notícia: em Paris, a polícia dispersou uma organização pretensamente solidária que distribuía sopa aos pobres em plena rua, acompanhada por desenhos que deixavam claro que, na respectiva composição, entrava carne de porco; o objectivo era demonstrar que os muçulmanos são indesejáveis, e foi essa clara manifestação de intolerância que motivou a intervenção policial.

2.2. Comentário

As notícias, seja qual for o suporte utilizado para as veicular, contêm textos cuja missão é dizer o mundo, medeiam entre um real externo e receptores que podem fazer parte dele, mas que, na maior parte dos casos, não o fazem directamente. Os textos das notícias têm um *tempo* próprio, acelerado, que contribui para a criação de um efeito de acção. A montagem noticiosa, ainda que sem propósitos manipuladores, cria uma «impressão de acontecimento». Quando os acontecimentos se repetem ou os conflitos se arrastam e começam a conter itens reiterados, vão deixando de ser notícia, quer dizer, os textos que os dizem vão diluindo essa impressão de acontecimento.

O Estreito de Gibraltar não costuma ser notícia pelo mau tempo, mas sim pela tragédia da travessia dos seus escassos quilómetros, pelos naufrágios das *pateras*, as embarcações que transportam os *brûleurs*, isto é, os indivíduos que queimam os seus papéis para não poderem ser repatriados. E esses naufrágios têm sido tão reiterados que quase deixaram de ser notícia.

O risco destas empresas evoca, por associação, duas outras travessias do Estreito de Gibraltar: uma, em 1415, conduzida pelo Infante D. Henrique; outra, em 1578, conduzida por D. Sebastião. A primeira teve como consequência a conquista de Ceuta pelos portugueses, o que representou um profundo trauma para Marrocos e deu origem à criação de uma fronteira no Estreito. Como escreve Zakia Daoud:

Le choc au Maroc est terrible. C'est un drame dont le pays ne se relèvera jamais. Le destin du Maroc bascule, la fenêtre est fermée, le pont sur l'Ibérie et l'ailleurs devient un cul-de-sac. Le détroit devient une frontière politique. Il l'est toujours (Daoud 2002 :318).

Entre uma data e a outra, Portugal converteu-se em potência imperial. Quando os exércitos de D. Sebastião atravessam o Estreito, Portugal conhecerá um naufrágio simbólico, o da perda da independência depois da morte do jovem rei na batalha de Alcácer Quibir – ou na batalha dos Três Reis, conforme a perspectiva daqueles que a recordam – e da crise dinástica que se lhe seguiu. Esta tragédia portuguesa inscreveu-se no imaginário como fonte de uma mitologia anti-épica, na qual convergem outros elementos disfóricos, também eles criadores de uma auto-imagem negativa. Tomem-se como exemplo os naufrágios da Rota das Índias, nos séculos XVI e XVII, ou a imagem negativa de Portugal forjada pelos viajantes estrangeiros do século XVIII, profundamente interiorizada pelos portugueses do século XIX. Enquanto a Espanha árabe se converteu em tema ou pano de fundo de romances históricos, nomeadamente portugueses, e Al Andaluz se fixou na memória colectiva como sinónimo de exotismo culto, Portugal reservou um lugar mais modesto à sua herança árabe. Isto não impede a existência de manifestações de empatia como as que integram o diário de viagem de Fernando Venâncio intitulado *Quem inventou Marrocos* (2004), que adiante comentaremos.

Retomando o nosso assunto: se o olhar europeu se tem fixado nos naufrágios do Estreito através da reportagem ou da crónica jornalística – vejam-se, por exemplo, os arquivos do jornal *Le Monde Diplomatique* –, que olhar reflectirão as obras literárias que deles tratam?

3. Quando a literatura diz o mundo

3.1. Uma ideia de Marrocos

Fernando Venâncio, português radicado em Amesterdão, professor universitário, escreveu três diários de visitas a Marrocos, datados de 1998, 2001 e 2002, que publicou conjuntamente sob o título *Quem inventou Marrocos. Diários de viagem*. Apesar da sua brevidade, trata-se de uma obra curiosa pela relação que se estabelece entre o narrador e o universo representado na narrativa, o Marrocos actual, mas também o do passado, em relação ao qual Portugal alimentou sonhos de conquista. Gostaria de evocar, a propósito deste narrador, uma noção fulcral no quadro teórico dos estudos pós-coloniais, a saber, a noção de *location* ou consciência da cultura própria e explicitação do horizonte ideológico desenhado pelo lugar de pertença¹. Fernando Venâncio tem uma

¹ Esta noção é reiteradamente evocada na obra *Introducción a la literatura comparada*, ao cuidado de Armando Gnisci (2002).

noção aguda e por vezes irónica da sua *location*, como se observa na seguinte citação:

Faço o que posso para contrariar o olhar do turista, para despir-me da visão exótica. Obrigo-me a perceber este país como um vizinho, que me calhou, de hábitos curiosos mas familiarizáveis (Venâncio 2004: 11).

Essa *location* vai surgindo no texto em confronto com a observação do meio em que se desloca e que, globalmente, lhe provoca uma empatia que o leva a orgulhar-se de ser um português com antepassados do outro lado do Estreito:

Em Amsterdão, é-me habitual topar no olhar de marroquinos a pergunta de se não serei um deles. De resto, orgulha-me pensar que remotos avós meus atravessaram o Estreito e foram fazer de Mértola uma terra que se visse (Venâncio 2004: 17).

Essa empatia levá-lo-á a sentir esta visita a Marrocos como uma alteração da própria *location*:

Os meus guias insistem, em visível concordância: «Levas *uma ideia* de Marrocos». Eu sei que a afirmação é restritiva. Mas também sei isto: saio daqui menos ocidental (Venâncio 2004: 27).

Nos diários de Fernando Venâncio, o motivo da viagem assume três formas: a viagem de turismo cultural, a viagem virtual através da Internet e a viagem clandestina da travessia do Estreito. As duas primeiras são realizadas pelo próprio narrador, que busca sistematicamente afastar-se do turismo massificado em busca de referências do seu universo cultural, descobrindo, no entanto, que também elas se integram em rotas habitualmente trilhadas. Tal é o caso da visita ao local da batalha de Alcácer-Quibir. A viagem clandestina surge num comentário acerca da cidade de Ceuta, onde «dois mundos moram» «de costas viradas», isto é, Marrocos e a Europa, representada pela cidade espanhola, «cidade ocupada», diz o narrador, citando os jornais marroquinos:

Além, do outro lado do Estreito, a trinta quilómetros, está o primeiro mundo. Bons ordenados, uma perspectiva, casinha, mulher e filhos. Ao alcance de um maço de notas a passadores. E são às centenas os que se metem ao mar. Eu não distingo, mas, além ao longe, há corpos dando à costa (Venâncio 2004: 34).

Para o narrador, isto deve-se a uma falta de visão da Europa que, em vez de se fechar, deveria favorecer a abertura política de

Marrocos e aproveitar o facto de este país possuir milhares de licenciados que reclamam oportunidades, para fazer dele

um mercado vizinho, certo e incomensurável. Bastaria que, tomando uma vez o país a sério, nele se investissem dinheiro e futuro (Venâncio 2004: 34).

A viagem de Fernando Venâncio por Marrocos é um pretexto para a observação de um território e de umas gentes que vão excedendo as suas melhores expectativas e também para uma reflexão em sincronia com o lugar da enunciação, isto é, a *location* do viajante que vem à procura de afinidades, que toma partido contra opções dominantes, como a do actual fechamento da Europa, que sonha por vezes com acontecimentos que contrariam o curso da história, como a especulação sobre o que aconteceria entre portugueses e marroquinos se D. Sebastião não tivesse perdido a batalha de Alcácer-Quibir:

Sem querer, vejo-me a chamar, como outros, empresa louca ao projecto de Sebastião de conquistar Marrocos. Mas que é a loucura? E que é, dizia o outro, o homem sem ela? Para mais, dois motivos sérios ali jogavam. Por um lado, barrava-se o avanço ao Turco, que já chegara à Argélia, por outro, ficava Portugal com este infindo celeiro que agora vou atravessando. Má acção? Talvez. O trigo não era nosso. Mas, se fôssemos nós a travar os otomanos, talvez que, mesmo intrusos, chegássemos àquilo que, segundo José Pedro Machado, nunca se conseguiu: um entendimento entre nós e os marroquinos. Eles não eram más pessoas, nós também não. Mas essa inteligência não a tivemos (Venâncio 2004: 44).

Esse lugar da enunciação é profundamente europeu, isto é, reflecte o olhar de alguém que desloca consigo uma identidade portuguesa à procura de raízes berberes, mas que também pertence à Holanda, que precisa de consultar amiúde o correio electrónico, ler jornais portugueses e holandeses através da Internet, em suma, continuar na Europa enquanto viaja por Marrocos. Dá-nos, por isso, uma sensação de enorme liberdade de deslocação, quase parece desfrutar do dom da ubiquidade e as contrariedades em relação ao exercício desta suprema liberdade consistem em pequenos episódios quase caricatos, como encontrar-se sem gasolina ou ficar durante horas à espera de um amigo marroquino. Com esta liberdade de se deslocar e, mais ainda, de exercitar o pensamento e opinar por isso não só ser permitido, mas até esperado do intelectual europeu, apresentam flagrante contraste várias obras literárias que nos falam da emigração actual para a Europa.

3.2. «*Quel est ce monde de villes jumelées où tu ne peux pas quitter ta ville ?*»

Surgiu recentemente em Espanha uma obra intitulada *Inmenso Estrecho. Cuentos sobre inmigración* (2005), que reúne 25 narrativas breves de 25 autores diferentes, na sua maioria espanhóis. Embora o título refira o Estreito de Gibraltar, dito «imenso» pela dificuldade que representa a transposição dos seus 14 quilómetros contados em linha recta, temos apenas a colaboração de um escritor marroquino, Larbi El-Harti. Alguns dos seus autores têm uma extensa experiência de emigrantes, como o maestro Ramón Torrelledó, que dirigiu orquestras na Polónia, Roménia e Rússia. Todos eles responderam a um convite do editor, Ángel Fernández Fermoselle, também autor de um dos contos, para preencher um espaço até agora vazio na literatura espanhola: aquele em que se toma por musa a imigração. Trata-se de uma obra comprometida, com propósitos ideológicos definidos no prefácio, onde se desenha um «nós» a que o seu autor confere diversos matizes, o que tem como efeito a aproximação à situação dos imigrantes. Por exemplo, quando fala da viagem dos imigrantes para Espanha, afirma:

Nosotros también lo hicimos. Entonces, Eldorado no era la costa española, como ahora. España, subdesarrollada y aislada, era, entonces, el lugar del que huir. (Vários: 15).

Inmenso Estrecho assenta na crença de que a literatura pode dizer aquilo que a pura informação não pode e exercer uma sensibilização que outras formas de comunicação mais imediatas são incapazes de conseguir de maneira duradoura. Para que o mundo nos toque, não há, sequer, que escrever «literatura social», há que dar livre curso à imaginação e entrar no universo dos mundos possíveis, no universo ficcional. Não são muitos os contos que glosam o tema da travessia do Estreito de Gibraltar, mas este, elevado à categoria de símbolo, funciona como a fronteira por antonomásia. E o propósito colectivo da obra é, como diz, o estabelecimento de pontes onde existem estreitos que são como cicatrizes sangrentas inscritas na face do planeta.

A abordagem tentada em *Inmenso Estrecho* tem o seu correspondente nas seguintes obras da literatura marroquina de língua francesa: *Cannibales*, de Mahi Binebine (1999), *Les Clandestins*, de Youssouf Amine Elalamy (2000) e *Tu ne traverseras pas le Détroit*, de Salim Jay (2001). Todas elas têm como tema a emigração clandestina e como motivo uma viagem proibida, a da

travessia do Estreito. A mais fragmentária e mais híbrida do ponto de vista dos géneros literários é a última, que, de acordo com a poética expressa na própria obra, estabelece estreitos vínculos entre a ficção e o real partilhado pelas personagens e a voz narradora: «Le roman et la vie s'interpellent l'un l'autre, ou se compénètrent» (Jay 2001: 34). O mundo representado na obra fala-nos de duas realidades opostas: a daqueles que podem viajar e a daqueles que se vêem obrigados à estagnação: «Le monde est divisé en personnes libres et en individus esclaves des mouvements ou de l'immobilité qu'on leur dicte» (Jay 2001: 62). Dando poucas respostas, a voz narradora vai, sobretudo, interpelando a consciência do leitor através de questões tão essenciais como as seguintes:

Était-ce trop demander que le droit de s'en aller? Pourquoi formons-nous d'immenses rangs d'inadmissibles? Quel est ce monde de villes jumelées où tu ne peux pas quitter ta ville? (Jay 2001: 49).

O tom global da narrativa oscila entre o sonho da viagem, com todos os seus riscos e desilusões, e a impossibilidade de fazer parte do mundo, isto é, entre a amargura que marca a voz dos que tentam a travessia do Estreito em *pateras* e a confiança numa certa solidariedade, existente no próprio seio da miragem que para eles representa a Europa:

Il paraît qu'en Europe, des gens ordinaires sont solidaires, quand ils en ont l'occasion, des gens quelconques que nous sommes. Il paraît qu'il y a là-bas des gens qui ne méprisent pas notre envie d'approcher de leurs rivages, des gens qui se voient à notre place. Des gens pour qui, peut-être, la planète est un asile (Jay 2001: 55).

E a nota mais dominante é a negação do direito à viagem, expressa no próprio título do livro e plasmada na seguinte passagem, em que as imagens da televisão europeia, ao mostrarem a face dos programas populistas e dos concursos onde tudo parece ao alcance da mão, mais contribuem para a sensação de confinamento a um lugar de pertença forçada:

Dans les cafés où nous tuons le temps, ce qui serait blasphème si le temps ne nous avait tué lui-même, nous voudrions pouvoir regarder le monde sur l'écran de télévision comme si nous étions une partie du monde, et non pas des enfants prématurément vieilliss à saliver devant l'inaccessible proche (Jay 2001: 105).

As outras duas obras relatam um naufrágio. No caso de *Cannibales*, a acção decorre durante a preparação do embarque clandestino que, depois de longamente esperado, acaba por ter lugar sem o narrador, que é cuspidor para terra e, por isso mesmo, sobrevive. E termina no café France, onde tinha decorrido boa parte da espera pelo momento de embarcar. Aí, o tempo passa molemente sobre os seres que o preenchem: *hippies*, cuja presença é voluntária e que possuem passaporte, passadores e clandestinos que querem passar o Estreito. A presença desses seres que poderiam não estar aí é sentida pelo narrador como uma incompreensível afronta:

Que venaient-ils chercher dans notre misère, ces étrangers? Que nous voulaient-ils, eux dont la liberté d'aller et venir nous narguait? (Binebine 1999: p. 60).

A última visão é a de Momo, o angariador de candidatos à arriscada travessia, rodeado de novo grupo, no dia seguinte ao naufrágio do grupo de que o narrador fizera parte. É, de resto, esta personagem que dá o título ao romance: «Canibais». Canibal é o dono do restaurante onde um dia trabalhara, em França, que lhe aparece em sonhos e vai comprando partes do seu corpo até só restar a cabeça, que acaba por arremessar ao vazio. Trata-se de um pesadelo recorrente que, para ele, representa mau agouro e que, com a prisão que se lhe seguiu, o dissuadiu de voltar a tentar a travessia, depois de por três vezes o terem expulsado da Europa. Mas, de volta a Marrocos, também ele se transforma em canibal de face amável, alimentando-se do sonho e do dinheiro daqueles que querem partir, indiferente à sua sorte.

Finalmente, *Les clandestins* é um curioso exercício formal a que a pesquisa narrativa não retira a nota emocional, antes a exacerba, através de um trabalho exímio daquilo que poderíamos chamar a «enunção narrativa». A intriga não diverge muito da anterior, porque nenhuma delas se afasta daquilo que pode ser um relato-tipo dos naufrágios do Estreito de Gibraltar. O aspecto mais curioso da primeira vem-lhe de um recurso que não comentámos acima, o da construção das personagens, com analepses que as mostram no universo cultural a que cada uma pertencida antes de se encontrarem como companheiros de espera e de infortúnio. A focalização faz-se através de um narrador de primeira pessoa que pertence ao grupo, constituindo as analepses que lhe dizem respeito uma micro-narrativa que apresenta os contornos de um romance de aprendizagem. O aspecto mais curioso da segunda consiste em dar voz às personagens, desafiando-se a verosimilhança quando se dá voz aos mortos. E em explorar para

além dos códigos narrativos a focalização, acedendo a uma perspectiva e a um tempo que transfiguram a própria acção e nos colocam perante fragmentos que mais parecem pertencer ao género lírico, pura expressão de uma subjectividade desligada de qualquer trama. A narrativa é necessariamente fragmentária e coloca questões de metalinguagem, expõe a sua poética. É assim que várias vezes surge o programa: «Reprenons depuis le début». Mas, aquilo que é tão difícil de narrar, tão belo ou tão horrível, onde uma frouxa trama sentimental, embora trágica, não levará ao reconhecimento final, não tem princípio nem fim, é simplesmente de outra ordem: da ordem do livresco, que é mais real que o real e que o cinema, pois este pode servir-se de artifícios para mostrar o real. A lista de mortos onde doze homens e uma mulher grávida têm o seu nome inscrito continua aberta.

Et pour longtemps encore. Tant qu'il y aura un ici et un ailleurs.
Et la mer entre les deux. Tant qu'il y aura un là-bas. De l'autre
côté de la mer. Et s'il n'y a pas de musique et pas de tambours
pour accompagner tout ça, pas d'écran et pas de ticket non plus,
c'est pour dire que tous ces noyés sur le sable, on pourra dire ce
qu'on veut, c'est pas du cinéma (Elalamy 2000 : 170).

BIBLIOGRAFIA

- Binebine (1999): Mahai Binebine, *Cannibales*, Paris, Fayard.
- Daoud, (2002a): Zakya Daoud, *Gibraltar croisée de mondes*, Paris, Éditions Séguier.
- Daoud, (2002b): Zakya Daoud, *Gibraltar improbable frontière*, Paris, Éditions Séguier, pp. 215-249.
- Elalamy (2001): Youssouf Amine Elalamy, *Les clandestins*, France, Éditions Au Diable Vauvert.
- Gnisci (2002): Armando Gnisci (ed.) *Introducción a la literatura comparada*, Barcelona, Crítica.
- Jay (2001): Salim Jay, *Tu ne traverseras pas le Détroit*, Paris, Mille et Une Nuits.
- Leal (2006): Maria Luísa Leal, “Mais denso que a água e com escasso poder de flutuação: questões de focalização narrativa na tragédia do Estreito de Gibraltar” em *Cadernos de Literatura Comparada*, nº 14/15, tomo I, Porto, Edições Afrontamento/ Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp. 305-317.
- Leal (2006): Maria Luísa Leal, “Rites de passage: le Détroit de

Gibraltar et les résidus identitaires”, en *Mediterranea*, I, Cluj-Napoca, Editura Limes, pp. 227-245.

Vários (2005): *Inmenso Estrecho*, Madrid, Kailas.

Venâncio (2004): Fernando Venâncio, *Quem inventou Marrocos. Diários de viagem*, Vila Nova de Gaia, Fernando Venâncio e Editora Ausência.